



Goal. Semanário ribatejano de Desporto, Literatura e Arte – Foi publicado a primeira vez a **11 de Janeiro de 1933**, em **Vila Franca de Xira**, sob a direcção de **Alves Redol**¹, nado e criado naquela terra de campinos, touros e cavalos. Era então um jovem de 22 anos de idade, que já vinha revelando preocupações de natureza social e uma imensa vontade de intervir na realidade envolvente, com o fim de encontrar soluções para os problemas e as injustiças que identificava. O novo semanário pode ser encarado como expressão dessa determinação. Hoje, um dos seus principais interesses, está na visão que oferece da gestação de Alves Redol enquanto **fundador do neo-realismo**.

A produção do *Goal* era assegurada por desempregados, nomeadamente tipógrafos, como era referido insistentemente nas suas páginas. No seu segundo número, por exemplo, ao comentar a receptividade do público, **são sublinhados os propósitos altruístas da publicação, quer como meio para o incremento da prática desportiva na região, quer como possível solução (ainda que frágil) para os desempregados envolvidos no projecto**: «Todo o dinheiro que ganharmos, será entregue, novamente, ao público em melhoramentos que introduziremos no nosso jornal e aos tipógrafos desempregados que nos estão auxiliando sem remuneração.»² Da promessa feita aos leitores é possível deduzir as características físicas ou materiais da publicação. Trata-se de um jornal pequeno, quer no formato, quer no número de páginas (4); *pobre em elementos gráficos*, se exceptuarmos o cabeçalho, da autoria de **Júlio Goes**³, e uma ou outra fotografia nas páginas centrais (nem sempre presente). Apostava numa política de baixo preço de venda (avulso 3 tostões), provavelmente, para não pesar nos magros

¹ António Alves Redol nasceu em Vila Franca de Xira, a 29 de Dezembro de 1911, filho de uma família de comerciantes locais. Fez o curso comercial no Colégio Arriaga, em Lisboa, mas foi o balcão da loja paterna, onde começou a trabalhar ainda novo, que lhe proporcionou o contacto com a realidade crua da vida das populações ribatejanas. Impressões fortes que o inspiram para a escrita: tinha 15 anos, quando publicou o seu primeiro artigo de imprensa, no semanário *Vida Ribatejana*. A necessidade de ajudar financeiramente a família levou-o a embarcar para Angola, no ano de 1928. Contudo, as dificuldades com que se deparou e a doença trazem-no de regresso a Portugal, em 1931. De novo em Vila Franca de Xira, Alves Redol envolve-se na vida local, através do movimento associativo e da imprensa, tornando-se uma voz activa e mobilizadora. A sua crescente intervenção e prestígio não tardam a atrair a atenção do regime e dos que se lhe opõem, com maior ou menor veemência. A partir de 1932 fez-se colaborador do *Notícias Ilustrado* e, pouco depois, as suas crónicas, novelas e contos conquistam as páginas de *O Diabo* e do *Sol Nascente*. Foi também por esta altura que se integrou na luta anti-fascista clandestina. Em 1939, Alves Redol lançou o romance *Gaibéus*, que é consensualmente reconhecido como marca do início do movimento neo-realista em Portugal. Daí em diante, e não obstante a censura e a perseguição política que imperavam, Alves Redol pôs a sua criatividade literária ao serviço dos valores e das ideias que tinha por justas e, portanto, essenciais para garantir o progresso social que sempre almejou. Deixou uma vasta e diversificada obra. Alves Redol faleceu em Lisboa a 29 de Novembro de 1969, vítima de doença prolongada. Em Dezembro de 1974, com o propósito de homenagear Alves Redol, a Câmara Municipal de Lisboa atribuiu o seu nome a uma rua da Cidade, na Freguesia S. João de Deus.

² Cf. «Écos...», in *Goal*, Ano I, n.º 2 (18/01/1933), p. 1.

³ Júlio José Pedro Goes nasceu em Vila Nova de Ourém, em 1909. Quando somava 7 anos de idade, veio com a família para Vila Franca de Xira, onde o pai abriu um estúdio de fotografia. Cultivou uma sólida e duradoura amizade com Alves Redol, acompanhando-o nos seus passeios e pesquisas etnográficas, ilustrando algumas das duas crónicas, novelas e capas de livros. Embora tenha experimentado várias técnicas, foi como desenhador e, sobretudo, como ilustrador que alcançou mais projecção. Fez parte do grupo neo-realista que germinou em Vila Franca de Xira, na década de 30. Participou em várias exposições individuais e colectivas. Mas Júlio Goes era um espírito curioso, sempre aberto a novas experiências. A sensibilidade para a música levou-o a integrar o grupo *Jazz-Xira*, como tocador de banjo; o gosto pelo cinema proporcionou-lhe a participação em duas produções cinematográficas; já o interesse pela tauromaquia, fê-lo no crítico tauromáquico na imprensa. Profissionalmente, Júlio Goes manteve, com o seu irmão, o estúdio de fotografia familiar. Júlio Goes faleceu em Vila Franca em 1989.



rendimentos dos seus potenciais leitores: **o povo de Vila Franca de Xira e da região envolvente.**

Ainda sobre os valores de voluntarismo e solidariedade que envolveram a criação do *Goal*, chama-se a atenção para a aparente partilha de instalações e serviços entre o *Goal* e o *Mensageiro do Ribatejo* – outro semanário vilafranquense, com o qual Alves Redol mantinha colaboração desde 1932. De facto, o *Goal* começa por indicar como endereço da sua redacção e administração, a Rua Almirante Cândido dos Reis, 109, em Vila Franca de Xira, o que correspondia à morada da tipografia de Fernando Agostinho Faria, onde era impresso o *Mensageiro do Ribatejo* (SILVA, Garcês da: 1990); como endereço da «Composição e impressão» é indicado o número 108, da mesma rua, o que correspondia ao da «Redacção Administração» do mesmo *Mensageiro*! A partir do segundo número do *Goal*, esta situação alterou-se, parcialmente: a redacção e administração transferiram-se para o n.º 19, da Rua Palha Blanco, mas o endereço da tipografia mantém-se. Um enleio de difícil interpretação, mas que poderá indiciar uma filiação, não assumida, entre as duas publicações.

De notar ainda, que o administrador do *Goal* era um tal de Arsénio de Sousa, do qual apenas sabemos que, à data, era o agente comercial das «Bicicletas Olympique: a máquina dos campeões», em Vila Franca, conforme consta numa das inserções aparentemente publicitárias do semanário.⁴ Existem outras, mas de presença irregular, todas alusivas ao comércio ou a entidades locais como: Rádio-Xira (posto amador); «Philco (o aparelho T.S.F. de reputação Mundial)», cujo agente é Diamantino Nunes; «Nunes Fotografo»; Salão Liberdade de Francisco José de Góis, que anuncia «Fatos e máscaras» para o Carnaval – possivelmente, todos comprometidos no apoio ao novo semanário, ou pelo menos na assinatura.

O *Goal* saía às quartas-feiras, reflectindo nas suas parcas quatro páginas, sob diferentes formatos – desde a notícia, ao comentário, passando pela entrevista, a crónica e até a análise – **a actividade desportiva e, em menor grau, a cultural, que se desenvolvia em Vila Franca, e também nas vilas vizinhas e em toda a região ribatejana.** Importa ter em conta que esta localidade contava com um movimento associativo muito activo, sobretudo na área desportiva. E o **futebol** era o desporto que mais entusiasmava os vilafranquenses. Os clubes com maior expressão, a julgar pelas páginas do *Goal*, eram então: o *Grupo Foot-Ball Operário Vilafranquense* (1913), o *Aguia Sport Club Vilafranquense* (1924), a *União Estrela Marítimo Vilafranquense* (1928) e o *Sport Lisboa e Vila Franca* (1930). O próprio Alves Redol não escapou ao fascínio da bola. Há notícia de que formara um *team*, «o grupo dos com amor», para disputar alguns jogos amigáveis.⁵ Nunca deixando de conferir a maior visibilidade aos campeonatos de futebol e às polémicas que os envolveram, o semanário dirigido por Alves Redol parece apostado em impulsionar a prática de outras modalidades menos conhecidas e apreciadas pelo público – o andebol, o basquetebol, o ping-pong, o «cross-country», o motociclismo ou a ginástica, entre outras – como se do alargamento de perspectivas e da diversidade das práticas, pudessem resultar benefícios e vantagens para a população. É evidente que entendia a prática desportiva como uma actividade benéfica e construtiva, mas os excessos do clubismo, a sobrevalorização da vitória sobre o outro não eram

⁴ Conferir nos nº 3, 4, 6 e 8. Pertencia ainda aos órgãos sociais do *Operário Vilafranquense*, como pode ler-se numa pequena notícia publicada na última página do 10.º número, o último.

⁵ Conf. *Vida Ribatejana*, Ano XVI, n.º 537 (02/04/1933), p. 3.



definitivamente do seu agrado. O Redol desportista era sempre uma voz que apelava à moderação e à cooperação: «Que as côres diferentes não definam campos de combate, em que se degladiem paixões mórbidas. A competição é necessária, mas é mais necessária, ainda, uma comunidade de directrizes que levem o desporto regional ao caminho donde há muito saiu.»⁶

Para garantir a cobertura jornalística da actividade desportiva da região, o *Goal* apostava na construção de uma rede de correspondentes, expressando frequentemente a sua abertura para aceitar novos colaboradores, na condição de respeitarem «a assiduidade». Depreende-se que a função não era remunerada, mas, ainda assim, não terão faltado candidatos, como nos dão testemunho as páginas do *Goal*, onde assinam: João Ferreira Peniche (assina noticiário de Alhandra), JOZAGOPE (Sacavém), Albino Nunes da Silva Cordeiro (Golegã), Rogério Rafael Pinto (Alverca do Ribatejo), João Costa (Santarém) e outros. Entre os que assinavam o noticiário desportivo de Vila Franca de Xira, bem como os artigos de divulgação de determinadas modalidades ou de promoção da actividade física em geral, figuravam (além de Redol) António Alves, J. Neves de Carvalho⁷, José Correia, Licínio de Miranda, Manuel Mota, e outros que se mantêm à sombra dos pseudónimos «Alocin II», «Epaminondas Gomes» e «Neiges de Chene».

Embora o desporto seja o tema de maior visibilidade no *Goal*, reservava-se sempre algum espaço para a **literatura e as artes**. A primeira, concretizava-se, sobretudo, sob a forma de crónicas e poesia que, tanto nas perspectivas temáticas que elegiam, como na intensidade emotiva que transpiravam, já prenunciavam o **neo-realismo**. Leiam-se as crónicas de Alves Redol: «...E continua» (n.º 1) e «Confetti» (n.º 8), ou as «Pétalas» poéticas (n.º 3); as cartas de amor angustiado, endereçadas a Leonor por um tal de «GUSTAVO», que embarcou no Niassa (n.º 4 e 5)⁸; e «Dramas e Comédias» (n.º 6), de **Norberto de Araújo** (1889-1952), à data chefe da redacção do *Diário de Lisboa*, que faz um comentário sarcástico às medidas repressivas da mendicidade recentemente instituídas.⁹ Embora a imprensa estivesse sujeita à censura prévia, cujo carimbo se fazia ostentar na primeira página, pelo seu crivo (ainda) frouxo passava muita crítica, denuncia e reivindicação. Mas essa aparente tolerância não tardaria a esgotar-se¹⁰.

A presença das artes no *Goal* decorre, em grande parte, do noticiário das iniciativas promovidas pelo movimento associativo. Assim, eram frequentes os destaques às sessões de cinema promovidas pelo *Grémio Artístico Vilafranquense*, no Cine-Teatro; aos espectáculos de teatro, apresentados pelo *Grupo Dramático Beneficente Afonso d'Araujo* ou por grupos visitantes; os concertos da *Banda do Grémio*, etc.. A columbofilia e as actividades da associação local são também objecto de uma atenção constante. O próprio

⁶ Conf. REDOL, Alves - «Novos Horizontes», in *Goal*, Ano I, n.º 2 (18/01/1933), p. 1.

⁷ Secretário da redacção do *Mensageiro Ribatejano*.

⁸ A evocação do navio «Niassa», onde Alves Redol viajou para Angola, em 1928, leva-nos a levantar a hipótese de estarmos perante um pseudónimo de Redol.

⁹ Trata-se concretamente da reprodução de um trecho da «Página de Quinta-Feira por Norberto Araújo. Dramas e comédias», publicada no D.L. n.º 3679, (9/2/1933), p. 3.

¹⁰ A censura prévia foi introduzida a 22 de Junho de 1926, através de um ofício da Polícia Cívica de Lisboa enviado aos periódicos. A situação só ficaria devidamente traduzida na lei, através da Constituição de 1933 e do decreto-lei 24:469, de 11 de Abril de 1933 (embora, no caso das colónias, o regime tenha sido implantado mais cedo, através dos decretos-lei 12:271/26 e 13:841/27).



Goal, com o propósito de dinamizar a vida cultural de Vila Franca Xira, procurou desenvolver algumas iniciativas, como a prova de «Cross country», cuja data e percurso foram divulgados no último número do *Goal*, e uma exposição, de carácter pluridisciplinar (pintura, aguarela, encadernações artísticas e desenho arquitectónico), a *I Exposição Artística de Vila Franca*, de que vão dando notícia desde o terceiro número. Desconhece-se o desfecho destes projectos, porque entretanto o *Goal* deixou de ser publicado: o último número, o décimo, saiu a 23 de Março. O fim da publicação não foi anunciado, mas são dignos de atenção os «Considerandos» alinhados no último editorial por **Bernardino Henriques**, que, curiosamente, assina pela primeira vez no semanário. Nos outros dois periódicos que se publicavam em Vila Franca de Xira, o *Mensageiro do Ribatejo* e *Vida Ribatejana* não há informação sobre nenhuma das iniciativas do *Goal*. Possivelmente, goraram-se com o fim do semanário. Mas não as ideias de que havia sido suporte. Essas, germinaram e fortaleceram-se dando origem ao «Grupo Neo-realista de Vila Franca».

Rita Correia, 9 de Setembro de 2011

Bibliografia

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., [s.d.].

FRANCO, Graça – *A Censura à imprensa (1820-1974)*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993. ISBN: 972-27-0570-9.

PIRES, Daniel – *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX*. Lisboa: Grifos, 1996.

ROGEIRO, José – *Neo-Realistas de Vila Franca de Xira - Lugares de Memória*. Lisboa: Roma Editora, 2006. ISBN: 972-8490-99-2.

SILVA, Garcez da – *Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca*. Lisboa: Editorial Caminho, 1990. ISBN: 972-21-0484-5.

Júlio Goes – Exposição. Catálogo da exposição, org. Museu Municipal/Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, 1993.